

O PROBLEMA DAS REATIVAÇÕES NOS DISPENSÁRIOS DE LEPRA**

R. QUAGLIATO*

- 1.º — *Reativação bacterioscópica dos doentes de lepra, matriculados no Ambulatório da Inspetoria Regional de Campinas, em tratamento pelas sulfonas (1949-1953);*
- 2.º — *Idem dos doentes do Ambulatório da I. R. de Bebedouro, em tratamento com chaulmugra; (1943-1947)*
- 3.º — *Confronto dos dois períodos;*
- 4.º — *"Follow-up" dos casos reativados de Campinas e que continuam no Dispensário (1949- a Julho de 1954). 5.0*
- 5.º — *Sumário e Conclusões.*

Em vários dos nossos relatórios anuais apresentados à Diretoria do Departamento de Profilaxia da Lepra, do Estado de São Paulo, Brasil, chamamos a atenção para a freqüência das reativações baciloscópias dos doentes matriculados em nossos ambulatórios.

Passado agora o primeiro quinquênio de nossa permanência na Inspetoria Regional de Campinas, onde usamos exclusivamente a terapêutica sulfônica desde 1949, estaríamos em condições de dar um balanço no quadro dos nossos doentes, relacionando-os com o número de reativados.

Por outro lado, como viémos já da "éra chaulmúgrica", tendo trabalhado na Inspetoria Regional (I.R.) de Bebedouro naquela época, tivemos a idéia de confrontar as reativações das sulfonas de Campinas, com as do chaulmugra no quinquênio 1943-1947, de Bebedouro, quando praticamente era essa a única terapêutica, por nós, lá utilizada.

Finalmente, como o sistema de trabalho nos Dispensários nos últimos anos tem permitido que certo número de reativados continui seu tratamento ambulatório, procuramos verificar o "follow-up" desses pacientes, quanto a sua bacterioscopia, até o presente. Esse

(*) Médico regional do D.P.L. em Campinas (São Paulo).

(**) Trabalho apresentado a Soc. Paulista de Leprologia em 18-10-1954.

levantamento deixou de ser feito em Bebedouro visto que naquele tempo, eram reinternados todos os reativados.

MATERIAL DE ESTUDO E TÉCNICA

Para nosso estudo, apenas foram considerados os resultados bacterioscópicos de material de lesão, colhido por ocasião das revisões de rotina. Não entramos em detalhes quanto às reativações clínicas para limitarmos nosso desiderato. Os poucos casos com muco nasal positivo, foram computados no quadro geral, sem outra referência.

A colheita do material foi feita sempre pelo médico, nas revisões mensais, bimensais, trimestrais ou semestrais, conforme o caso, pelo simples método de escarificação com lancêta da lesão mais suspeita, muitas vezes esfregaços com sangue. Os exames bacterioscópicos, até Abril de 1952 eram feitos quase na totalidade, no Instituto "Conde Lara", de São Paulo, sendo que daquela época em diante, a maioria das lâminas pode ser examinada no próprio Dispensário, pelo técnico de laboratório, Farmacêutico José Picarelli.

Os doentes estudados passaram pelos ambulatórios de Bebedouro, de 1943 a 1947 e de Campinas, no quinquênio de 1949 a 1953; os primeiros foram tratados pelos ésteres do óleo do chaulmugra (duas ou três injeções semanais de 2 ou 3 cc.) e os últimos, pelas sulfonas, via oral ou injetável, de acôrdo com vários esquemas. Em ambos os períodos, éramos os responsáveis pelos pacientes.

Os doentes *D.A.* (doentes de ambulatório) são os casos que não estiveram internados, isto é, que foram matriculados diretamente no Dispensário, sem necessidade de internação, visto serem formas bacterioscopicamente negativas, ou que apresentavam poucos bacilos na lesão.

Os *T.A.* (transferidos para o ambulatório) são casos que estiveram no Hospital e que lá cumpriram as exigências dos regulamentos de altas, antes de serem transferidos para o ambulatório.

Não foram considerados os pacientes com Alta Provisória (*A. P.*) matriculados no Dispensário, porque tivemos poucas reativações asses casos. Os *A.P.* são indivíduos que estiveram no Dispensário por dois ou mais anos, como *D.A.* ou *T.A.* e que depois, dadas suas boas condições, passaram a gozar das regalias de Alta Provisória. Os raros *A.P.* que reativaram, foram enquadrados entre os doentes *D.A.* ou *T.A.*, segundo sua procedência e relacionados com o total de *D.A.* ou *T.A.* matriculados na ocasião.

Em primeiro lugar procuramos apresentar um quadro "estático" do número de reativados da I.R. de Campinas no quinquênio em estudo, relacionando-os com o ano em que se verificou a positi-

vidade bacterioscópica, com a situação ou condição do doente (T.A. ou D.A.), a ocasião da positividade (1a. revisão, 1.º ano, outros anos), tipo de moléstia, resultado do Mitsuda e regularidade do tratamento.

Quanto ao tipo de moléstia, devemos adiantar que as formas de transição foram assinaladas quase sempre, por ocasião da reativação, correspondente a doentes que vieram da "era chaulmugrica" ou com tratamento sulfônico irregular. O controle do tratamento infelizmente, nem sempre seria satisfatório. As indicações de tratamento "regular" e "irregular" são baseadas, o mais das vezes, nas informações dos pacientes, naturalmente precárias, pois que a grande maioria leva a medicação para ser feita em casa, visto residir em locais distantes do Dispensário. Um número apreciável de enfermos toma porém suas injeções no próprio ambulatório de modo a ser melhor controlado.

Os 2.º, 3.º e 4.º quadros, também "estáticos" mostram a relação entre o número de matrículas novas nas duas Inspetorias nos seus respectivos quinquênios, relacionando-as com as positivities observadas no primeiro ano de tratamento; de outro lado fizemos o confronto do total de matriculados nos dois períodos, com o total de reativações, tirando a média anual de matriculados e reativados.

Outros gráficos, estes "dinâmicos", procuram mostrar o comportamento dos casos reativados de Campinas, até seu último exame positivo, medindo-se o período de 3 em 3 meses. Havendo grande número de pacientes que estavam positivos no último exame, estes foram discriminados em 2.º lugar nesses quadros.

Para o confronto dos quadros 3 e 4 precisamos antes de mais nada fazer algumas considerações. Quanto ao T.A., os regulamentos de altas de 1943 para cá, sofreram várias modificações, exigindo-se antes 24, depois 18 e ultimamente (Lei Federal n.º 1045, de Janeiro de 1950) apenas 12 exames mensais negativos, para a transferência do hospital, ao ambulatório. Isso pode interferir na "qualidade" das amostras de Bebedouro e Campinas, principalmente beneficiando os pacientes daquela Inspetoria onde incidiram os dispositivos mais severos.

De outra parte, com a terapêutica chaulmúgrica, eram raras as altas de lepromatosos. Os pacientes que a obtinham, eram geralmente casos I. (Indiferenciado) ou TR (Tuberculóide reacional) internados pela severidade da época (*). Com as sulfonas porém, são

(*) De 2.201 casos com alta de hospital, de 1933 a 1943, apenas 411 eram lepromatosos (19%); a grande maioria eram I (1.221), T (215) e TR (354). Drs. Bechelli e Rotberg, II Conf. Panamericana de Leprologia, Rio, 1946, Anais do SNL, Rio, Dez. 1946, pgs. 363-374 (Terapêutica Chaulmoogrica da Lepra, A eficiência do chaulmoogra de acordo com o estudo de 2.201 casos de alta).

transferidos para dispensário, quase que exclusivamente doentes lepromatosos, pois que, praticamente, são estes os únicos a serem internados atualmente(**). Temos pois que os casos de alta de Bebedouro além de menos numerosos, nem todos eram lepromatosos. Ademais eles teriam passado por uma triagem mais apertada, ao sair do hospital.

Quanto aos D.A. (doentes não internados) eram matriculados em Bebedouro os portadores de forma benigna, baciloscopicamente negativos no geral. A terapêutica sulfônica permitindo posteriormente matricularem-se nos dispensários os casos com raros bacilos, mesmo lepromatosos incipientes, fez com que as primeiras revisões desses doentes em Campinas, apresentassem um número alto de positivos. Também não poderíamos fazer um confronto rigoroso entre o comportamento desses doentes nas duas Inspetorias.

Há pois diferenças acentuadas em nossas amostras, de modo que as comparações teriam que ser grosseiras. Em todo o caso, é esse o único material de que dispomos e com essas ressalvas, nos atrevemos a entrar em algumas considerações.

As sulfonas empregadas em Campinas, são principalmente as do Butantan, quando se refere a via oral ("Diaminoxil", aliás com a mesma fórmula do "Diamindin" ou "Diasona"). Para a via venosa, o medicamento mais empregado foi o Promin, depois a Liosulfona "De Angelis" e ultimamente a Sulfenona do "Butantan", igual ao Promin P.D. Os comprimidos foram administrados de 1 a 4 diários, 20 dias com 10 de intervalo. As injeções eram feitas diariamente, de 2 a 12 cc., no mesmo período.

Quanto à verificação da regularidade do tratamento, repetimos, a nossa avaliação principalmente para os pacientes que levam o medicamento a ser usado, é muito grosseira. Os assinalados de "irregular", todavia, poderão ser considerados exatos, pois que correspondem àqueles em que a irregularidade foi flagrante.

Sobre a reação de Mitsuda, nosso critério para a leitura é o recomendado pela II Conferência Pan-Americana de Leprologia, Rio de Janeiro, 1946, porém em nosso quadro, englobamos os negativos com os duvidosos e os de uma, duas ou três cruces, foram enquadrados como "positivos". Contudo, como se poderá verificar pelo cadastro dos casos, foram raros os doentes reativados, cujo Mitsuda tenha sido positivo. Como alguns pacientes ainda não têm lepromino-reação, o total desses exames não corresponde ao total dos doentes. O teste considerado, desde que há doentes com várias reações, foi o mais próximo ao resultado bacterioscópico. Muitos dos resultados lepromínicos foram controlados pela biopsia.

(**) Nos 6 anos de nosso estudo da I.R. de Campinas (1949-1953), internamos nos vários hospitais do Departamento 237 novos doentes contagiantes. Dêsse total, 230 eram lepromatosos (97%), 6 casos TR e apenas 1 I.

QUADRO N.º I
 INSPETORIA REGIONAL DE CAMPINAS

Ano	Condição	POSITIVOS			TIPO DE MOLESTIA					MITSUDA			REGULARIDADE		Total
		La Re- visão	1º Ano	Outros Anos	L	I	TR	TR p. L	I p. L	NEG.	POS.	SIM	NÃO		
1949	D. A.	3	1	7	1	3	3	3	1	10	—	8	3	11	
	T. A.	3	—	12	14	—	1	—	—	9	—	9	6	15	
1950	D. A.	2	2	6	4	1	2	2	1	7	—	5	5	10	
	T. A.	1	1	2	4	—	—	—	—	1	—	2	2	4	
1951	D. A.	8	1	3	6	2	1	3	—	8	1	10	2	12	
	T. A.	—	—	5	5	—	—	—	—	3	—	4	1	5	
1952	D. A.	6	2	3	—	4	6	1	—	8	3	8	3	11	
	T. A.	2	16	14	30	—	—	1	1	15	—	26	6	32	
1953	D. A.	11	1	9	7	6	3	2	3	18	1	15	6	21	
	T. A.	27	5	8	36	2	—	1	1	15	—	34	6	40	
Totais	D. A.	30	7	28	18	16	15	11	5	51	5	45	19	65	
	T. A.	33	22	41	89	2	1	2	2	43	—	75	21	96	

QUADRO I

1.º - REATIVAÇÃO BACTERIOSCÓPICA DOS DOENTES DE LEPROMATOSES MATRICULADOS NO AMBULATÓRIO DE CAMPINAS, EM TRATAMENTO SULFÔNICO, DE 1949 A 1953.

CONSIDERAÇÕES — De acôrdo com o quadro anterior, foram estudados 161 doentes tratados pelas sulfonas, que passaram pelo ambulatório de lepra de Campinas, no quinquênio 1949-1953 e que ali tiveram exame bacterioscópico positivo na lesão. Desses pacientes, 65 eram D.A. (doentes que não estiveram internados) e 96 T.A. (casos que vieram transferidos do hospital).

Em 1.º lugar chama a atenção o número alto de pacientes com exame positivo na primeira revisão. Para os D.A., dos 65 positivos, cerca de 50% acusaram bacilos no primeiro exame. Isso seria explicado pelo fato de estarem esses pacientes positivos por ocasião do fichamento e assim terem sido matriculados no ambulatório.

Quanto aos T.A., dos 96 reativados no quinquênio, 30% tiveram o exame positivo na primeira revisão, fato curioso, posto que esse exame no geral é feito logo após a saída do doente do hospital onde o mesmo deve apresentar uma série de 12 exames negativos, a fim de obter sua alta. Não sabemos se podemos considerar esses pacientes como realmente reativados no ambulatório.

Reativados certamente no primeiro ano da matrícula no dispensário (excluídos os já positivos na 1.ª revisão), tivemos 7 D.A. (25% do total de D.A. reativados) e 22 T.A. (30% do total, excluídos os positivos já na primeira revisão).

Quanto aos positivos após o primeiro ano de matrícula, tivemos 28 D.A. (80% dos D.A., descontados os positivos do primeiro exame) e 41 T.A. (62% do total menos os positivos na primeira revisão).

Tipo de moléstia — Sobre o tipo da moléstia, dos 65 D.A. com exames positivos, apenas 18 eram lepromatosos; 16 apresentavam lesões do tipo indeterminado e 15 tuberculóide-reacionais; 16 casos tinham evoluído de TR ou I para L (cerca de 25% do total), sendo que muitos tinham feito essa transição ao tempo do chaulmugra ou foram surpreendidos na forma L ao iniciar a sulfonoterapia ou por irregularidade no tratamento. No cadastro dos casos há referência especial sobre o assunto.

Dos 96 TA reativados, 89 eram lepromatosos (92%), 2 I, 1 TR e 2 haviam feito passagem de I para L.

Mitsuda — Tínhamos 99 pacientes com resultado da reação de Mitsuda entre os 161 casos estudados. Dos 56 D.A. com reação, 51 eram negativos e apenas 5 apresentaram resultado positivo (3

casos TR com Mitsuda três cruces, 1 com duas cruces e um de uma cruz)

Dos 96 T.A. com bacterioscopia positiva, 43 tinham reação de Mitsuda, sendo todos negativos, alguns, reiteradas vezes. De um modo geral não observamos variações notórias nos resultados das reações praticadas várias vezes no mesmo paciente.

Regularidade — É êsse um fator difícil de ser considerado num dispensário, onde a maioria dos doentes leva a medicação para ser administrada em casa. Na coluna dos "irregulares" estão assinalados apenas 40, em 161 doentes. Foram estes os colhidos em flagrante desrespeito às prescrições terapêuticas. A impressão é que a maioria dos doentes não segue à risca as recomendações. Um grupo de pacientes que faz seu tratamento no próprio ambulatório seria o único bem controlado.

Reativação precoce — Já fizemos referência à alta taxa de T.A. e D.A. com exames positivos no primeiro ano de tratamento no dispensário. Cerca de 55% dos 96 T.A. com bacterioscopia positiva, tiveram êsse resultado no primeiro ano de sua matrícula e, fato mais interessante, 33% na primeira revisão, logo à saída do hospital!

Dos D.A., 20% tinham o exame positivo na primeira revisão e que foram deliberadamente matriculados nessa condição. Só 7, dentre 65 (10%) apresentaram o exame positivo no primeiro ano do tratamento.

Reativação tardia — Entre os 65 DA com exames positivos nos 5 anos em estudo, 28 (43%) fizeram sua reativação depois do primeiro ano de tratamento.

Dos 96 TA, também cerca de 43% obtiveram o exame positivo nessa época, cifra equivalente com os casos D.A.

Isso posto, vale assinalar que quase metade dos casos reativados tanto D.A. como T.A., teve sua reativação no primeiro ano de sua matrícula no dispensário. Excluindo-se porém os pacientes reativados na primeira revisão, tivemos apenas 7 D.A. para o total de 37 (18%) e 22 T.A. para 63 (34%).

É curioso observar que em 1949, 1.º ano do nosso estudo, houve um número relativamente alto de T.A. reativados (15), depois uma queda nos anos de 1950 e 1951 (4 e 5 respectivamente) e finalmente um número muito elevado em 1952 e 1953 (32 e 40 respectivamente). Para os casos reativados em 1949 (12 em 15), há a considerar que eram doentes matriculados no dispensário há vários anos, mas que só em 1949 entraram efetivamente na medicação sulfônica. Foram pacientes que vinham da época chaulmúgrica, já reativados, ou prestes a se reativarem. Com a nova terapêutica, fizemos também revisões mais rigorosas e assim surpreen-

demos àqueles positivos. A maioria desses pacientes, a rigor, teria que ser considerada como positivo na ocasião do primeiro exame com as sulfonas.

Feita essa ressalva, veremos que até 1951, inclusive, houve pequeno número de T.A. reativados. Talvez se explique por terem vindo esses doentes dos regulamentos mais antigos de alta. De 1952 para 1953, há um acréscimo brutal de reativados, naturalmente pela maior freqüência de doentes no ambulatório, bem como pelas maiores facilidades para a matrícula.

O número de DA com lesão positiva até 1952 oscilou entre 10 e 12. Em 1953 houve um salto para 21, porém com 11 positivos logo no primeiro exame.

QUADRO II

2° - REATIVAÇÃO BACTERIOSCÓPICA DOS DOENTES DE LEPRO MATRICULADOS NA INSPETORIA DE BEBEDOURO. EM TRATAMENTO PELO CHAULMUGRA, DE 1943 A 1947.

No quinquênio 1943-1947, época em que trabalhamos no Dispensário de Bebedouro, era de uso exclusivo, a terapêutica pelo chaulmugra. A medicação era preparada no "Instituto Conde Lara". do D.P.L., com matéria prima diretamente importada da Índia. Ampôlas de 2 e 3cc. de ésteres etílicos de chaulmugra, feitas intramuscularmente, duas ou três vezes por semana.

Como a grande maioria dos doentes levava as ampôlas para aplicação a domicílio, a regularidade do tratamento, aqui também não pode ser avaliada. A impressão é mesmo que maior número deles não fazia o tratamento regular.

Pela análise do quadro II, verifica-se:

1.° — Dos 30 D.A. reativados, 11 fizeram o exame positivo no 1.° ano de sua matrícula no dispensário (cerca de 36%) ;

2.° — Dos 13 T.A., nas mesmas condições, três reativaram no 1° ano (23%).

Vimos que em Campinas, ao tempo das sulfonas, as reativações no 1° ano da matrícula no Dispensário, foram:

1.° — Para os 65 D.A. com exames positivos no quinquênio, tivemos 37 logo no 1.° ano (cerca de 57%, computados também os D.A. positivos na la. revisão) ;

2.° — Para os 96 T.A. nas mesmas condições, 55 tiveram o exame positivo no 1° ano (58%, considerando-se inclusive os da la. revisão).

Temos assim que as percentagens de reativações em Campinas no 1° ano, são aproximadas, nos doentes D.A. e nos T.A. (57% e

58 %) , ao passo que essas cifras em Bebedouro, são muito inferiores (D.A. 36% e T.A. 23%). Para qualquer comentário a respeito é preciso considerar nossas apreciações sôbre as diferenças das duas amostras.

Dos doentes de Bebedouro, não tivemos nenhum T. A. reativado na ta revisão (altas mais rigorosas?) e dos D. A., apenas 5 tiveram exame positivo no 1.º exame (maior dificuldade para matrícula).

Reativação tardia —1.º) — Dos 30 D.A. com exames positivos em Bebedouro, 19 o foram depois do 1º ano de suas matrículas no Ambulatório (63%) ;

2.º) — Dos 13 T. A., 10 tiveram o exame positivo depois do 1.º ano de matrícula (cerca de 77%).

Dos reativados depois do 1º ano de matrícula na I. R. de Campinas, vimos que essa cifra atingiu cerca de 43% dos D.A. ou T. A. com exames positivos.

Em conclusão, podemos assinalar que a maioria das reativações com o chaulmugra, em Bebedouro, ocorreu depois do 1.º ano da matrícula do doente no dispensário, ao passo que em Campinas, com as sulfonas, tivemos maior incidência de reativados no primeiro ano da matrícula (muitos positivos nas primeiras revisões).

Tipo da moléstia dos reativados de Bebedouro —1.º) — Dos 30 D. A. com exames positivos, 7 eram Lepromatosos, 6 Indeterminados, 5 Tuberculóide-reacionais, 11 fizeram a passagem de I. para L. e 1 de TR. para L.

2.º) — Dos 13 T. A. reativados, 11 eram lepromatosos e 2 vieram de I. para L.

Tivemos pois, dos 43 doentes com exames positivos de Bebedouro, a evolução de I. para L. e TR para L. em 14 casos (cerca de 32%). Vimos que em Campinas, em 161 reativados, assinalamos essa transição em 20 doentes (13%). Deve-se ainda considerar que em Campinas, os 19 doentes antigos reativados em 1949 (quando se começou efetivamente o uso das sulfonas naquele dispensário) vinham do tratamento chaulmúgrico nos anos anteriores e foram surpreendidos positivos ao iniciar o tratamento sulfônico. Dêsses casos reativados em 1949, 4 dêles tinham feito a transição de TR. para L. (3) e I. para L. (1) ao iniciar a nova terapêutica. A rigor, teríamos pois apenas 16 pacientes que no decurso do tratamento sulfônico vieram a apresentar a evolução de TR. ou I. para L.

Pelo cadastro dos casos veremos que se tratava de indivíduos com tratamento irregular. Assim, dos 161 reativados de Campinas, teríamos 16 que fizeram a transição de TR. ou I. para L. (10%), em contraposição com os 32% de Bebedouro, ao tempo do chaulmugra.

É interessante anotar que dos 14 casos que evoluíram para lepromatosos em Bebedouro, 13 vieram de I., ao passo que dos 20 de

QUADRO Nº III
REATIVAÇÕES

Inspetoria Regional de Campinas	Condição	MATRÍCULAS-NOVAS		TOTAL DE MATRÍCULAS		Media mensal de Matrículas	REATIVADOS (ANUAIS)
		TOTAL 5 anos	Reativados (1º Ano)	5 anos	Reativados		
		1949 - 1953 (Sulfonas)	D. A. T. A.	181 291	37 = 20 % 55 = 18 %		

QUADRO Nº IV

Inspetoria Regional de Bebedouro							
1948 - 1947 (Chaultmugra)	D. A. T. A.	110 52	11 = 10 % 3 = 5,7 %	162 75	30 = 18 % 13 = 17 %	66 23	6 = 9 % 2,6 = 11 %

Campinas, 13 eram TR e apenas 7 partiram de I. Os TR. de Campinas, deveriam ser provavelmente, o que chamariamos hoje de "Border-Line".

Reação de Mitsuda — Dos 44 casos reativados de Bebedouro, temos, 12 com reação de Mitsuda e todos negativos.

QUADROS III, IV e V

3.º - CONFRONTO DAS REATIVAÇÕES NO AMBULATÓRIO DE CAMPINAS (SULFONAS), COM AS DO AMBULATÓRIO DE BEBEDOURO (CHAULMUGRA).

Pelo estudo dos quadros III, IV e V, verifica-se: — AMBULATÓRIO DE CAMPINAS (Quadro III)

a) Em Campinas, nos 5 anos de observação, tivemos 181 doentes D. A. novos matriculados. Dêsses, tiveram positividade baciloscópica na lesão, 37 (20%), no primeiro ano de tratamento sul- fônico ;

b) No qüinqüênio, tivemos no Dispensário o total de 304 pacientes D. A., com uma cifra de reativação igual a 65 (21%) ;

c) A média de doentes D. A. matriculados mensalmente foi de 124, com 13 reativados anualmente (10%). (A média mensal foi calculada pela soma do movimento, mês por mês, nos 5 anos).

Doentes T. A. — a) No período foram matriculados em Campinas, 291 novos T. A., com 55 (18%) reativados no primeiro ano de matrícula ;

b) Nos 5 anos passaram pela Inspeção 381 casos T. A., sendo 96 reativados (25%) ;

c) A média mensal de matriculados T. A. foi de 139, com 19 positivos anuais (13,6%).

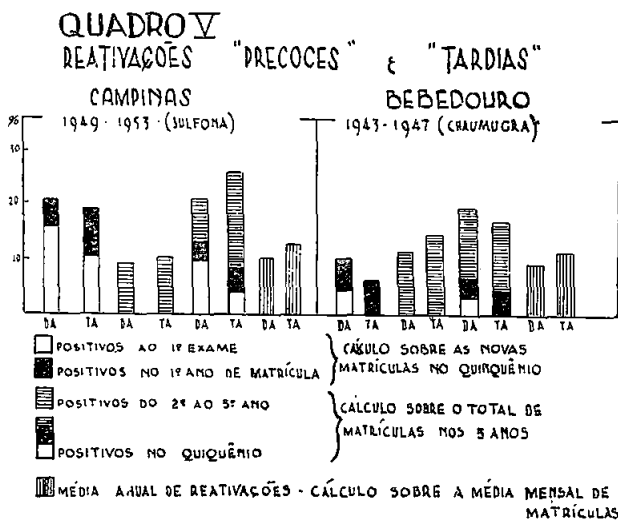
AMBULATÓRIO DE BEBEDOURO (*Quadro IV*)

Doentes D. A. — a) Neste Dispensário de lepra, tivemos de 1943 a 1947, 110 doentes D. A. novos matriculados, sendo 11 os que apresentaram exame positivo no 1.º ano de tratamento chaulmúgrica (10%) ;

b) O total de D. A. matriculado no referido tempo, foi 162, com 30 reativados (18%) ;

c) Média mensal de matriculados D. A. igual a 66, com 6 reativados (9%) .

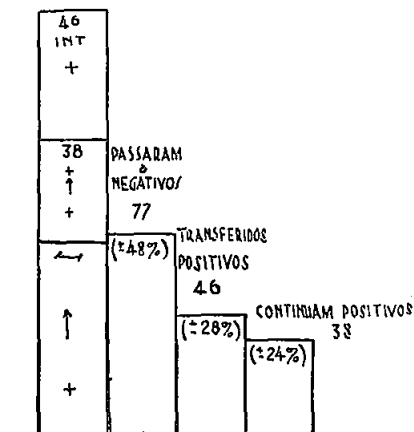
Pacientes T. A. — a) Em Bebedouro houve 52 novas matrículas de T. A. no qüinqüênio, sendo 3 os reativados no primeiro ano da matrícula (5,7%) ;



QUADRO VII

DISPENSÁRIO de CAMPINAS

"FOLLOW-UP" dos REATIVADOS
1949-1954 - JULHO
(SULFONAS)



- b) O total de T. A. naquele período foi 76, com 13 casos positivos (17%);
- c) Média mensal de matrículas T. A. igual a 23, dando 2,6 reativados anuais (11%).

CONSIDERAÇÕES (*Quadro V*)

Reativação tardia: — é curioso observar que no cômputo geral muito menos reativações de doentes no primeiro ano de matrícula, em Bebedouro (Bebedouro: — 10% dos D. A. e 5,7% dos T. A.; Campinas: — 20% dos D. A. e 18% dos T. A.);

Reativação tardia: — é curioso observar que no cômputo geral dos reativados nos 5 anos, se bem mostrar um melhor aspecto para Bebedouro, as diferenças não são tão notórias (Bebedouro: — 18% dos D. A. e 17% dos T. A.; Campinas: — 21% dos D. A. e 25% dos T. A.).

A média anual de reativações é bem aproximada nos dois ambulatórios (Bebedouro: — 9% dos D. A. e 11% dos T. A.; — Campinas: — 10% dos D. A. e 13,6% dos T. A.).

Em Campinas tivemos, portanto, maior número de reativações no primeiro ano da matrícula do doente no dispensário e com o decorrer do tempo, os casos positivos foram diminuindo. Em Bebedouro, observou-se justamente o contrário, isto é, poucas reativações no primeiro ano da matrícula e uma cifra crescente nos outros anos. Os números relativos do 1.º ano de Bebedouro, comparando-se com os reativados do 1.º ano da matrícula em Campinas, são: — para os D. A. duas vezes menores e para os T. A., três vezes menores que os de Campinas. Quanto ao total de reativados, em relação com todos os matriculados em 5 anos, há pequena diferença a favor dos D. A. de Bebedouro (18% para 21% em Campinas); quanto aos T. A. há um terço menos de casos reativados em Bebedouro (17% em Bebedouro e 25% em Campinas).

Insistimos sobre a diferença do material dos ambulatórios em apreço; vimos que os T. A. de Bebedouro, eram procedentes duma triagem mais apertada ao sair do hospital (18 a 24 exames mensais negativos) e os D. A. eram excepcionalmente matriculados com os exames positivos. Em Campinas, ao contrário, de 1952 para cá, estava em vigor o novo dispositivo de altas (12 exames negativos) muito menos rigoroso (ver o grande número de T. A. positivos no 1.º exame). Ao lado disso observamos que quase a totalidade dos doentes com alta, eram lepromatosos, em Campinas, pois que praticamente são estes casos os únicos a serem internados nestes últimos anos. Já na época da chaulmugra, nos primeiros tempos de nossa campanha, houve internação de quase todos os casos fichados,

mesmo com lesão negativa. Nos últimos anos daquela terapêutica, eram encaminhados para internação, todos os casos com bacterioscopia positiva, independente do tipo da moléstia. Daí decorria que muitos doentes, a terem alta do hospital, não eram lepromatosos.

Quanto aos D. A., vimos que em Campinas, quase 50% dos casos positivos, tinham já esse resultado ao serem matriculados, indicando maior liberdade para o tratamento desses pacientes no ambulatório. Mesmo lepromatosos incipientes, com poucos bacilos na lesão, estão sendo registrados no dispensário, sem isolamento hospitalar.

Não fossem essas considerações que mostram as diferenças das duas amostras, poderíamos concluir por um comportamento mais satisfatório dos doentes de Bebedouro, mormente no que diz respeito às reativações no 1.º ano de tratamento dispensarial. (Ver testes de significância).

Conclui-se portanto que as reativações com as sulfonas, em grande maioria das vezes se fazem no 1º ano do tratamento dispensarial. Passada essa época, elas vão diminuindo, até quase se aproximar da cifra apresentada pelos doentes de Bebedouro, com o uso do chaulmugra. Do ponto de vista terapêutica teríamos então que o uso das sulfonas no Dispensário de Campinas, quanto às reativações no prazo de 5 anos, se bem apresente um número muito maior de reativados no 1º ano do tratamento dispensarial, no fim do quinquênio, as diferenças são relativamente pequenas. (Vide testes de significância no final do cap.).

Vimos também que as altas dos doentes matriculados no Ambulatório de Bebedouro, eram mais rigorosas que as atuais (18 e 24 meses de negatividade no hospital), bem como só excepcionalmente ficavam no dispensário doentes D. A. com exames iniciais positivos. Esses fatos justificariam o diminuto número de reativados no primeiro ano, daquele ambulatório.

Quanto aos pacientes de Campinas, tanto os D. A. como os T. A., muitas vezes são matriculados já com exames positivos, o que explica o alto número de "reativados" no 1º ano de dispensário.

Diante dessas considerações, seria de se esperar, caso vigorasse o mesmo rigor antigo para a concessão das altas, bem como para as matrículas de D. A. no Dispensário, as reativações pelas sulfonas, depois de 5 anos de observação, seriam em muito menor número que as apresentadas pelos doentes de Bebedouro, ao tempo do chaulmugra.

A análise estatística, feita pelos Engenheiros Agrônomos, Armando Conagin, da Seção de Técnica Experimental e Cálculos do Instituto Agrônomo e Julio Cezar Medina, a quem agradecemos, revelou, diferença significativa a favor dos doentes de Bebedouro (chaulmugra) no que toca às reativações precoces, não havendo diferença no total de reativados dos 5 anos, entre os dois dispensários,

bem como entre as reativações de doentes de T. A. e D. A. em qualquer dos grupos considerados.

Os drs. Bechelli e Rotberg (trabalho já citado), estudando as recidivas dos 2.201 casos com alta de hospital até 1943, mostram os seguintes dados:-

L	411	recidivaram	224 — 54%	(40,7% no 1.º ano)
I	1.221	”	227 — 18,75%	
T	215	”	10 — 4,65%	
TR	354	”	47 — 11,9%	
Total	— 2.201	”		23,17%

O total de nossas reativações em Bebedouro no quinquênio 1943-1947, conforme já nos referimos, foi de 17% dos T. A. matriculados no período. O quadro dos drs. Bechelli e Rotberg, se bem abranger um tempo muito maior de observação (1933-1943), mostra uma percentagem de recidivas pouco maior (17% em Bebedouro e 23,17% no quadro acima). Evidentemente havia pouca diferença em ambos materiais, pois que em Bebedouro atingimos o final da "era chaulmúgrica".

Em Campinas, porém, ficou demonstrado que a grande maioria dos T. A. matriculados no quinquênio 1949-1953, era formada por lepromatosos. Para uma comparação com o trabalho dos drs Bechelli e Rotberg, teríamos que considerar apenas os 411 lepromatosos constantes do mesmo, com 54,5% de recidivas, sendo 40,7% no 1.º ano da matrícula nos dispensários. Vimos em Campinas (1949-1953) que tivemos 26% de T. A. reativados, com 18% no primeiro ano (11% na primeira revisão).

Conclui-se portanto que o número total de reativados em Campinas em 1947-1953, com tratamento sulfônico, não obstante serem quase todos os T. A. matriculados lepromatosos, apresenta uma percentagem muito menor que a dos T. A. lepromatosos reativados desde o início da Campanha do D. P. L., até 1943, com o uso do chaulmugra. Os 26% de T. A. reativados em Campinas nos 5 anos, aproxima-se pois dos 23,17% do total de reativados do trabalho dos drs. Bechelli e Rotberg.

De outro lado, os 18% dos T. A. reativados em Campinas no 1.º ano de suas matrículas no dispensário, estaria muito longe dos 40% de T. A. lepromatosos recidivados no primeiro ano de ambulatório, do trabalho de Bechelli e Rotberg. Consideramos que 11% dos nossos casos de Campinas, tiveram o exame positivo logo na 1.a, revisão, o que nos deixa em duvida se poderíamos de fato julga-los como reativados no dispensário.

QUADRO VI
 INSPETORIA REGIONAL DE CAMPINAS
 "FOLLOW-UP" DOS CASOS REATIVADOS (1949 — 1954, julho)

Condição -	Único Positivo	Vários positivos (meses)												Total			
		3	6	9	12	15	18	21	24	27	30	36	48		51	54	60
1 Positivos para negativos																	
D. A.	26	5	1	0	0	0	2	1	1	1	1	0	1	0	0	0	38
T. A.	27	4	2	1	4	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	39
2 Continuum positivos.....																	
Única revisão																	
D. A.	5	3	4	3	4	4	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	27
T. A.	25	3	9	4	5	3	3	0	2	1	0	0	0	0	0	2	57

QUADROS VI e VII

4.º — "FOLLOW-UP" DOS CASOS REATIVOS DE CAMPINAS E QUE CONTINUARAM NO DISPENSÁRIO EM TRATAMENTO PELAS SULFONAS (de 1949 a 1954, julho).

Este capítulo seria justamente a parte mais interessante do nosso trabalho, pois que nele procuramos verificar o comportamento dos nossos doentes reativados, de 1949 (ano em que começamos a funcionar na I. R. de Campinas), até a época atual (julho de 1954).

A investigação teve que ser dividida em várias partes : — primeiramente, tratamos dos casos que de POSITIVOS, passaram a NEGATIVOS, no próprio dispensário; em segundo lugar, faremos referência aos pacientes que em seus últimos exames ainda tiveram resultado POSITIVO, ou que apenas fizeram êsse; e por último, levantamos um estudo detalhado dos doentes reativados, ano por ano, desde 1949 (Quadro XI).

Nos quadros VI e VII observamos os prazos de 3 em 3 meses, para as revisões, indo até o máximo de 60 (5 anos, a partir de 1949, quando começamos a trabalhar em Campinas, até meados de 1954). É de se notar que o exame referido, foi sempre o último positivo.

1.º — *Positivos para negativos* a) Pacientes D. A. — Dos 65 D. A. (doentes que não estiveram internados) de Campinas que apresentaram exame positivo na lesão no quinquênio estudado (1949-1953) , 26 dêles negativaram logo após a 1.ª revisão (40%) . Os demais foram-se negativando em prazos variáveis, o mais tardio, depois de 48 meses de tratamento no dispensário.

b) Pacientes T. A. — (Transferidos do hospital) — Dos 96 casos T. A. reativados nos 5 anos em estudo, 39 negativaram-se em épocas diferentes, sendo o mais demorado depois de 36 meses de terapêutica sulfônica. Há a considerar que dos 39 negativados, 27 tiveram apenas o 1.º exame positivo (28%).

Dos 39 T. A. que se negativaram, 38 dêles apresentaram resultado negativo, depois de 1 ano de tratamento no dispensário; apenas 1 dêles, demorou mais de 3 anos para se negativar.

Dos 37 D. A. que de Positivo vieram a ter Negativo nos 5 anos, 32 o fizeram depois de 6 meses de tratamento; 6 outros apresentam prazos maiores, o máximo de 4 anos.

2.º — *Doentes com o último exame positivo* a) Casos D. A.

Dos 27 D. A. que apresentavam última revisão positiva (quadra VI). apenas 5 foram vistos uma única vez. Os 22 restantes, apresentavam-se ainda positivos em épocas variadas, os últimos aos 36, 51 e 54 meses de tratamento. Temos pois dois doentes D. A. que con-

tinuam com resultados positivos na lesão, depois de mais de 4 anos. Dos 22 pacientes D. A. ainda positivos, 19 não completaram dois anos de tratamento no dispensário.

b) Pacientes T.A.

Do total de 96 T.A. reativados no quinquênio, temos 57 que apresentam sua última revisão positiva. Desses foram examinados semente por ocasião do 1.º positivo, 35 casos, permanecendo em tratamento 32, sendo que dois ainda tiveram bacterioscopia positiva, depois de 5 anos. Quase a totalidade dos 32 ainda positivos no Dispensário, não completaram dois anos de tratamento. Apenas 3 passaram dessa época. Os dois com mais de 5 anos de positividade, são ambos L., que fazem terapêutica intensiva pelo Promin; um com estado cutâneo bem melhorado, tem apresentado bacterioscopia positiva esporadicamente, e outro, sempre com as mesmas lesões difusas, bacterioscopia continuamente positiva.

QUADROS VIII E IX

Considerações: — Dos 65 D.A. positivos nos 5 casos em estudo, 38 negataram-se em prazos variados (o maior depois de 48 meses), sendo 26 logo após a 1a. revisão. Desses 65, internamos ou baixamos 11, sendo 5 deles logo em seguida ao primeiro exame positivo e 6 depois de algum tempo, com outras revisões positivas. Dos 65 D.A. considerados, 16 ainda continuam no Dispensário, com revisões positivas, 1 deles decorridos 36 meses de positividade.

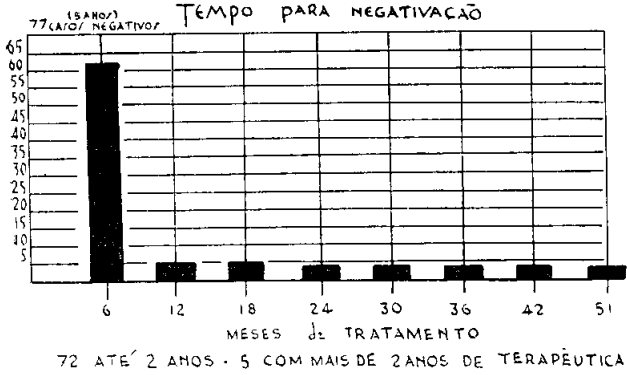
Temos pois que dos 54 D.A. positivos que continuaram no Dispensário (65 do total, menos 11 que foram internados com exames positivos), 38 estão já negativos, até Julho de 1954 (70%), sendo 16 logo após o 1.º exame (29%). Dos mesmos 54 que continuam no Ambulatório de Campinas, 16 permanecem positivos (29%), 1 deles depois de continuar o tratamento por mais 54 meses. Seria necessário considerar-se que dos 11 internados ou baixados, 5 o foram logo depois do 1.º positivo, mas 6 permaneceram no Ambulatório por mais algum tempo, com exames positivos, 1 até 21 meses.

Dos 96 pacientes T. A. reativados nos 5 anos, 39 tornaram-se negativos em várias épocas (o mais demorado depois de 36 meses) e 27 logo em seguida ao 1º exame positivo e outros 12 após vários meses de tratamento (1 depois de 36 meses de positividade). Continuaram no Dispensário de Campinas 61 T.A. (dos 96 reativados) e desses, 39 (mais ou menos 64%) negataram-se em várias oportunidades, a mais tardia, decorridos 3 anos de positividade e outros 27 (44%) logo após o 1º positivo, aliás, o único. Ainda dos 61 que permanecem no Ambulatório, 22 (36%) continuam positivos, 2

QUADRO VIII

DISPENSÁRIO DE CAMPINAS

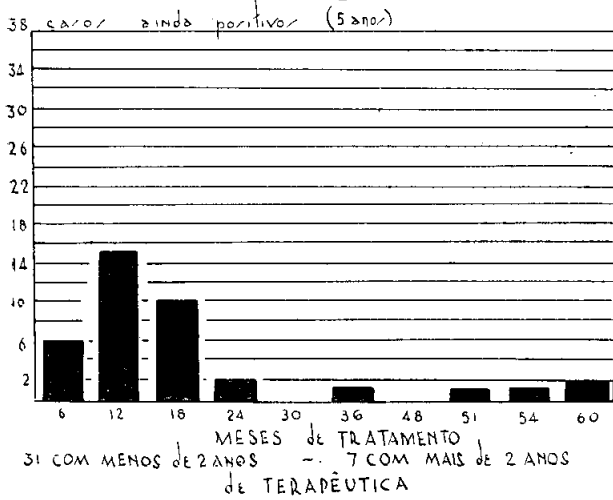
"FOLLOW-UP" DOS CASOS REATIVADOS - 1949-1954, julho



QUADRO IX - DISPENSÁRIO de CAMPINAS

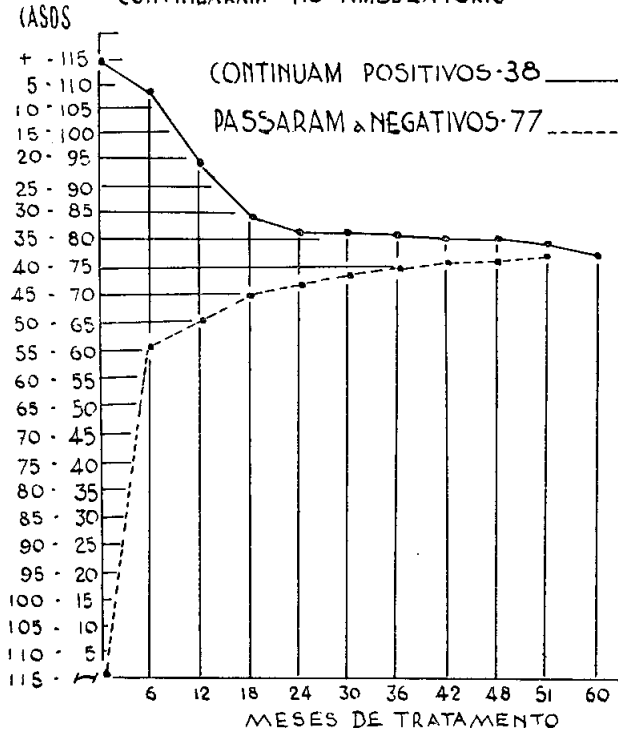
"FOLLOW-UP" dos CASOS REATIVADOS

1949-1954, julho



QUADRO X

CAMPINAS 1949 - 1954 JULHO
 "FOLLOW-UP" DE 115 REATIVADOS QUE
 CONTINUARAM NO AMBULATÓRIO



dêles depois de 5 anos de terapêutica intensiva. É justo considerar que dos 35 reinternados ou baixados, 10 permaneceram no Ambulatório por algum tempo, ainda positivos, um até mais de dois anos.

No cômputo global, estiveram no Dispensário de Campinas, no quinquênio de 1949 a 1953, 161 doentes (D.A. e T.A.) com exames positivos. Dêses permaneceram no Ambulatório 115, tendo sido internados, reinternados, ou baixados por outros motivos, mas com exames positivos, 46 dêles. Dos 115, houve 77 que se negativaram até Julho de 1954 (67%), os mais demorados depois de 30 e 36 meses. Dos 115, continuam no Ambulatório e ainda com exames positivos na lesão, 38 casos (33%) (22 T.A., dois com mais de 5 anos de terapêutica sulfônica regular e intensiva, e mais 16 D.A., três dêles com mais de 3 anos de tratamento).

Dos casos POSITIVOS de 1949, tivemos:

a) 1 D.A. continua positivo; 7 negativaram-se no Dispensário; 3 foram internados ou baixados, com exames positivos.

b) Dos T.A., 2 continuam positivos e 3 estão negativos; 10 foram internados, ou baixados com bacterioscopia positiva.

Ano de 1950: — Dos positivos nesse ano, observa-se o seguinte: a) 1 D.A. continua positivo e 7 tornaram-se negativos; 2 foram internados também positivos.

b) 2 T.A. vieram a apresentar resultados negativos e 2 foram internados com exames positivos.

1951: — a) 1 D.A. continua positivo e 7 negativaram-se até a época atual (Julho de 1954); 4 foram baixados também positivos.

b) 3 T.A. passaram a negativos e 2 foram reinternados com resultados positivos.

1952: — a) 1 D.A. ainda positivo e baixado outro também positivo; 8 D.A. estão já negativos.

b) 5 T.A. continuam com bacilos na lesão e 11 foram baixados com esse mesmo resultado; 16 dos T.A. reativados durante o ano vieram a apresentar exames negativos.

1953: — a) 12 D.A. continuam com bacterioscopia positiva e 9 estão negativos.

b) Dos T.A., 15 casos estavam com exames positivos até Julho de 1954; tínhamos internados ou baixados, mais 10 outros positivos; dos 40 T.A. reativados em 1953, 15 já se apresentam com exame de lesão negativo, até o referido mês de Julho de 1954.

Do total de 161 doentes reativados em Campinas no quinquênio 1949-1953, continuavam ainda positivos no Dispensário, até Julho de 1954, 38 pacientes. Somando-se a êsses casos, mais 26 novos reativados de Janeiro a Julho de 1954, teríamos no Ambulatório, 64 pacientes com exames positivos na lesão. Estamos atualmente com

cerca de 500 doentes matriculados em tratamento ambulatorio nessa Inspeçtoria, com a média portanto de mais de 12% de positivos.

Considerando-se que nos "Ambulatorios de Lepra", quanto à terapêutica se limitava apenas ao tratamento das formas "não contagias", esses 12% de positivos indicariam que sua função foi exorbitada.

Não entramos em detalhes quanto ao aspecto profilático do problema (finalidade primordial dos Dispensários de Lepra), que se mostra pois, bastante prejudicado.

SUMÁRIO E CONCLUSÕES

O A. estuda as reativações bacterioscópicas na lesão, dos doentes de lepra matriculados nos ambulatorios de Bebedouro (1943-1947, tratamento chaulmúgrico) e de Campinas (1949-1953, tratamento sulfônico), fazendo um confronto dos dois períodos. Na parte final do trabalho, estuda o "follow-up" dos doentes reativados de Campinas, que continuaram no Dispensário até Julho de 1954.

Os doentes foram divididos em D.A. (pacientes que não foram internados) e T.A. (casos que vieram com alta dos leprosários). O A. chama a atenção para a diferença de ambos os materiais em estudo, pois que tanto os D.A., como os T.A. em tratamento no ambulatorio de Bebedouro, preenchiam condições mais rigorosas para a matrícula, ao passo que em Campinas, muitos dos D.A. e dos T.A. já apresentavam positivos seus primeiros exames no ambulatorio.

Com essas ressalvas, pela análise dos diferentes quadros apresentados, chegou-se às seguintes conclusões

Ambulatorio de Campinas, 1949 a 1953 (tratamento sulfônico)
Quadro I.

a) 65 D.A. positivos, sendo 50% logo no primeiro exame e 7 casos no decurso do 1.º ano de tratamento e 28 casos depois do 1.º ano (de 2 a 5 anos) ;

b) 96 T.A. reativados no quinquênio, com 30% de positivos no 1.º exame, 22 casos no decorrer do 1.º ano (excluindo-se os já positivos no exame inicial) e 41 casos do 2.º ao 5.º ano de tratamento ;

Tipo de moléstia. Dos 65 D.A. positivos nos 5 anos, 18 eram lepromatosos, 16 indiferenciados, 15 TR e 16 vieram de TR ou I para L (25% do total de reativados), sendo que a transição foi observada ao iniciar-se o tratamento sulfônico (doentes vindo da época do chaulmugra), ou se tratava de pacientes que faziam o tratamento de maneira irregular.

Dos 96 T.A. positivos, 89 eram L (92%), 2 I, 1 TR e 2 haviam feito a passagem de I para L:

Mitsuda. 99 dos 161 reativados, tinham a reação de Mitsuda, sendo 56 D.A. (51 negativos e 5 TR positivos) e 43 T.A. todos negativos.

Regularidade do tratamento. Dificilmente avaliada. Assinalou-se apenas 40 casos certamente irregulares, porém esse número sem dúvida seria muito maior.

Ambulatório de Bebedouro, 1943 a 1947 (chaumugra) — Quadro II.

a) 30 D.A. com exames positivos na lesão, sendo 11 (36%) no 1.º ano;

b) 13 T.A. com exames positivos na lesão, sendo 3 no 1.º ano (23%).

Dos T.A. não houve nenhum positivo no 1.º exame (altas mais rigorosas) e dos D.A. apenas 5 apresentavam bacilos na lesão ao 1.º exame (maior dificuldade para matrícula desses casos).

Tipo de moléstia. Dos 30 D.A. positivos de Bebedouro nos 5 anos, 7 eram L, 6 I, 5 TR e 12 haviam evoluído de I e TR para L;

Dos 13 T.A. positivos, 11 eram L e 2 vieram de I. para L.

QUADROS III, IV E V

Ambulatório de Campinas — 1949-1953, sulfonas) — a) 181 D.A. novos matriculados e desses 37 (20%) reativados no 1.º ano de tratamento;

b) Nos 5 anos houve o total de 304 D.A. em tratamento ambulatório, com 65 reativações (21%);

Doentes T.A.

a) 291 novas matrículas de T.A., com 55 (18%) reativados no 1º ano;

b) Total de 381 T.A. matriculados nos 5 anos, com 96 reativações (25%).

Ambulatório de Bebedouro — (1943-1947, chaumugra) — a) 110 novos D.A. matriculados, com 11 positivos no 1º ano (10,%);

b) Total de 162 casos D.A. matriculados nos 5 anos, com 30 positivos (18%).

Casos T.A.

a) 52 novos T.A. matriculados, com 3 reativados no 1.º ano (5,7%);

b) Total de 76 T.A. matriculados no quinquênio, com 13 positivos (17%).

Análise: — Maior número de reativados no 1º ano da matrícula, dos doentes de Campinas, em comparação com os de Bebedouro, diferença que se faz pouco notável no final dos 5 anos (Campinas

maior reativação precoce e menor reativação tardia, em relação com os pacientes de Bebedouro). A verificação estatística confirmou esses resultados no tocante às reativações precoces, mostrando que não há diferença significativa no total de reativados de 5 anos, entre os dois dispensários.

QUADROS DE VI A X

"Follow-Up" dos casos reativados de Campinas (1949 até Julho de 1954).

1.º - POSITIVO PARA NEGATIVO

a) Doentes D.A. — Dos 65 D.A. positivos, 26 tornaram-se negativos após a 1a. revisão (40%) ; os outros depois de vários meses de tratamento sulfônico, o mais demorado após 48 meses no dispensário.

b) Casos T.A. — Dos 96 T.A. reativados, 39 negativaram-se, sendo 27 logo após o 1.º exame (28%) ; os demais até 36 meses de terapêutica.

2.º - DOENTES COM O ÚLTIMO EXAME POSITIVO

a) Temos 27 D.A. com a última revisão positiva, sendo 5 deles examinados uma única vez; os 22 restantes estão ainda positivos, o de maior prazo, depois de 54 meses de tratamento.

b) Dos 96 T.A. reativados nos 5 anos, temos 57 com a última revisão positiva, sendo que 37 deles apenas fizeram um exame; estão ainda positivos no dispensário, 22 casos, 2 deles depois de 5 anos de terapêutica sulfônica.

CÔMPUTO GLOBAL - (I. R. de Campinas)

161 pacientes (D.A. e T.A.) com exames positivos nos 5 anos.

Desses 161, baixamos com exames positivos 46 doentes, continuando no Dispensário 115, dos quais passaram a negativos até julho de 1954, 77 (67%), os mais demorados depois de 36 meses de tratamento sulfônico. Dos 115 continuam no Dispensário, com exames positivos, 38 doentes T.A.º (33%), sendo dois depois de 5 anos de terapêutica intensiva, e mais 16 D.A., 3 deles após 3 anos de tratamento.

DOS DOENTES POSITIVOS NO ANO DE

1.º) 1949: — a) 1 D.A. ainda está positivo; 7 passaram a negativos ; 3 foram internados com exames positivos ;

b) 2 T.A. estão ainda positivos; 3 tornaram-se negativos; 10 foram internados positivos.

2.º) 1950: — a) 1 D.A. ainda continua positivo; 7 estão negativos; 2 foram baixados com resultados positivos.

b) 2 T.A. estão negativos e 2 foram internados positivos.

3.º) 1951: — a) 1 D.A. continua positivo; 7 já estão negativos; 4 foram baixados com exames positivos.

b) 3 T.A. negativaram-se; 2 foram reinternados positivos.

4.º) 1952: — a) 1 D.A. continua positivo; outro foi baixado com resultado positivo; 8 tornaram-se negativos.

b) 5 T.A. estão positivos; 11 foram baixados também positivos; 16 já estão negativos.

5.º) 1953: — a) 12 D.A. ainda estão positivos; 9 negativaram-se;

b) 15 T.A. continuam positivos; 10 foram baixados também positivos; 15 já estavam negativos até Julho de 1954.

SUMMARY AND CONCLUSIONS

The author studies the bacterioscopical relapses in lesions, in patients enrolled at Bebedouro Dispensary (1943-1947), under chaulmoogra treatment, and Campinas (1949-1953) under sulfone treatment, confronting the two periods. Concluding his work, he studies the patients follow-up concerning the relapses in Campinas, who remained until July, 1954.

The patients were divided in two groups: - D.A. (those never before isolated) and T.A. ("paroled" discharged from leprosaria). He calls attention to the differences between the groups studied, for both. D.A. cases in treatment at the Bebedouro Dispensary were in better conditions at the time of enrollment, while at Campinas many of the D. A. and T. A. were bacteriologically positive.

Analyzed his tables the following conclusions are reached:-

1) *CAMPINAS DISPENSARY*, from 1949 to 1953 (Sulfone treatment) Table I.

a) 65 positive D. A., 50% on their first examination, 7 cases during the first year of treatment, and 28 cases after the first year (from 2 to 5 years) ;

b) 96 relapsed T.A. in a period of five years, with 30% positive at their first examination, 22 cases during the first year (except those already positive at the initial examination), and 41 cases from the 2nd to the 5th year of treatment.

Farms of disease (Classification) — Among 65 positive D. A. in 5 years, 18 were lepromatous, 16 indeterminate, 15 TR., and 16 changed from TR. or I. to L. (25% of the total relapsed), considering that the changes have been noticed when the sulfone treatment started (patients coming from the "Chaulmoogra period" or concerning the patients who underwent irregular treatment). Among 96 positive T. A., 89 were L. (92%), 2 I., 1 TR. and 2 had changed from I. to L.

Lepromin-test — Among 161 relapsed, 99 had been lepromin-tested, 56 being D. A. (51 negative and 5 TR. positive) and 43 T. A., all results being negative.

Regularity of treatment — Difficult to appreciate. Only 40 irregularly treated, were found but this number is undoubtedly much larger.

II — *Bebedouro Dispensary*, from 1943 to 1947 (Chaulmoogra treatment)
Table II.

- a) 30 D.A. positive lesions, 11 (36%) during the first year;
- b) 13 T.A. positive lesions, 3 during the first year (23%);

Among the T.A. cases there were no positivities at the firsts examination (under the most strict conditions for admissions); among the D.A. cases only 5 had bacillary lesions at the firsts examination (more difficulties for the enrollment of those cases).

Classification — Among 30 positive D.A. at Bebedouro during a period of 5 years, 7 were L., 6 I., 5 TR. and 12 had changed from I. and TR. to L.

III — TABLES III AND IV

1) *Campinas Dispensary* (1949-1953, sulfone) a) 181 new D.A. cases. enrolled, 37 (20%) relapsed during the first year of treatment;

b) After 5 years total of 304 D.A. under dispensary treatment, with 65 relapsed (21%);

T.A. Patients

a) 291 new enrollments of T.A. with 55 (18%) relapsed during the first year;

b) Total of 381 T.A. enrolled during a period of years, with 96 relapses (25%).

2) *Bebedouro Dispensary* (1943-1947, Chaulmoogra) a) 110 new enrollments of D.A., with 11 positivities during the first year (10%);

b) Total of 162 D.A. enrolled during a period of five years, with 30 positivities (18%);

T.A. cases

a) 52; new T.A. enrolled with 3 relapses during the first year (5,7%);

b) Total of 76 T.A. enrolled during a period of five years, with 3 positivities (17%).

The statistical analysis shows significant differences between the relapsed cases of Bebedouro and Campinas, during the first year of treatment, but no significant difference regarding the total relapses in the period of 5 years at Campinas there were more "early relapses" and less "later relapses" than at Bebedouro).

Follow-up of the relapses at Campinas (from 1949 until July, 1954)

Tables

1° - FROM POSITIVE TO NEGATIVE

a) D.A. patients — At of 65 positive D.A., 26 became negative after- the first revision (40%) the others after many months under sulfone treatment at the dispensary, one case after 48 months under treatment;

b) T.A. cases — At of 96 relapsed T.A., 39 became negative, 27 after the first examination (28%), the others after until 36 months of treatment...

2.° - PATIENTS WITH THE LAST POSITIVE EXAMINATION

a) At of 27 D.A. still positive at the last revision, five of them were not examined again; 22 remained positive, the longest time of treatment being 54 months;

b) At of 96 relapsed T.A. in five years, 57 had the last revision positive, 37 of them with one examination only; 22 cases remained at the dispensary, 2 of them after 5 years under sulfone therapy.

TOTAL COMPUTATION (Campinas)

161 T.A. and D.A. patients with positive examination in 5 years. At of that number, 46 have been isolated after positive examination, 115 remaining at the dispensary, 77 of them (67%) were rendered negative until July, 1954, the longest time being 36 months of sulfone therapy. At of 115,38 T.A. patients (33%) remain at the dispensary with positive examination, 2 of them after 5 years of intensive therapy, and 16 D.A., 3 of them after 3 years of treatment.

PATIENTS WITH POSITIVE EXAMINATION (July, 1954)

1949 (year of relapse) a) 1 of D.A. relapsed in 1949, remains positive; 7 became negative; 3 were isolated with positive examinations.

b) 2 T.A. still remain positive; 3 became negative; 10 were isolated bacteriologically positive.

1950 a) 1 D.A. still remains positive; 7 are negative; 2 were isolated with positive results;

b) 2 T.A. are negative and 2 isolated bacteriologically

1951 a) 1 D.A. remains Positive; 7 are already negative; 4 were isolated with positive examinations;

b) 3 T.A. became negative; 2 were isolated bacteriologically positive.

1952 a) 1 D.A. remains positive; 1 was isolated with positive result; 8 became negative;

b) 5 T.A. are positive; 11 were isolated also positive; 16 are already negative.

1953 a) 12 D.A. are still positive; 9 became negative;

b) 15 T.A. remain positive; 10 were isolated, also positive; 15 negative until July, 1954.

DISCUSSÃO

DISPENSÁRIO REGIONAL DE JUNDIAÍ

REATIVAÇÕES HAVIDAS DE JANEIRO DE 1951 A
FEVEREIRO DE 1955.

Doentes matriculados (T.A.) neste Dispensário desde aquela data 86;

- A) Reativações havidas na primeira revisão após a alta, 4. Percentagem de (4,6) ;
- B) Reativações havidas após 6, 8, 10 meses e mais de ano, 11. Percentagem de (12,7);
- C) Total das reativações, vigências de 4 anos relativas a 86 doentes matriculados, 15. Percentagem de (17,4). Dr. J. Rivera Miranda.

INSPETORIA REGIONAL DE CATANDUVA

REATIVAÇÕES DE DOENTES MATRICULADOS NO DISPENSÁRIO
DE CATANDUVA.

Encontramos, entre 195 doentes matriculados, dos quais, 89 (D.A., e 49 (T.A.), os seguintes dados:

4 — (D.A.) reativados. (4,04%). — 2 de forma I. e 2 de forma L.

9 — (T.A.) reativados. (18,36%). — 9 de forma L.

Do total, isto é, 13 doentes, dentro do primeiro ano encontramos 5; 3 no segundo; 1 no terceiro e 4 de 4 a 6 anos.

Deixamos de referir, nesta relação, todos os casos já matriculados inicialmente (D.A.), com lesão positiva.

De um modo geral, todos os reativados melhoraram, negativando-se os exames, com a intensificação do tratamento sulfônico, podendo outrossim, ser constatados que alguns doentes faziam o tratamento com muita irregularidade, não tomando os medicamentos conforme indicação. No momento, apenas dois casos deverão ser melhor observados, pois que o exame da lesão positiva se refere à última revisão, feita no decorrer do mês de março de 1955.

Estes são os dados que colhi junto aos 195 doentes matriculados no Dispensário de Catanduva, até o presente momento, sendo que 4 d'êles foram transferidos de outras Inspetorias com exames positivos. (1 da I.R. de São José do Rio Preto e 3 da I.R. de Araraquara). DR. O. BARROS

DISPENSÁRIO REGIONAL DE RIO CLARO

CASOS T.A. QUE PASSARAM A T.A.R.

- 1 — I. Z. J. 19.134 — Matrícula: 28-1-53. 1.a rev. 4-8-53: Tubérculo no joelho E.; rosto eritematoso, mãos violáceas; 2.a rev. 7-12-53: Tubérculo ulcerado: M /—/ L ++ Tratamento irregular. Tomou 40 cc. de A.M. Passou a tomar Promin; de julho de 1954 em diante, baciloscopia neg.
- 2 — W. O. — 13.899 — Tratamento regular. Após tomar 600 drágeas de Diaminoxil e 40 cc. de A.M., apresentou um tubérculo miliar no abdome: muco /—/ lesão + Iniciou o tratamento com Promin. Fez 93,5 cc. No mês seguinte: muco +++, lesão ++. Foi encaminhado à reinternação, mas obteve da Sub-diretoria permissão para continuar o tratamento ambulatorio, mais 3 meses. Houve branqueamento e negatificação da baciloscopia.
- 3 — J. S. — 20.048 — Transferido do ambulatório da Lapa. Tratamento regular. Ao 1.º exame apresentava: máculas róseas, hipocrômicas, petalóides no tronco e nádegas. Muco /—/lesão + (janeiro 54). Em fevereiro muco /—/ lesão +++. Encaminhado à reinternação, obteve autorização para tratamento ambulatorio, mais três meses. Após 3 meses, baciloscopia negativa. Tomou 393 cc. de Promin. Durante o tratamento no ambulatório da Lapa, de 8-749 a 1-12-53, sempre teve baciloscopia negativa; mas lesões cutâneas presentes: eritematosas, eritemato-escamosas e eritemato- pigmentares.
- 4 — I. C. — 24.043 — Matrícula: 21-8-53. 1.a rev. 24-2-54: alguns nódulos de reação. Coloração rósea, mal delimitada, nas nádegas. Muco /—/ lesão ++. Nos meses seguintes, negativa. Tomou Dx. 120 dr. por mês.
- 5 — R. S. — 26.016 — Matrícula: 11-9-53. 1.a rev. 18-6-54: nódulos ulcerados. Muco /—/ lesão +++. Reinternada.

- 6 — A. B. D. — 17.574 — Tratamento regular. Após 750 drágeas de Sulfonasina (agosto 50 a março 52), apresentou 2 tubérculos miliares no cotovelo E.: bacilos ++ muco /— / . Passou a tomar Promin e A.M. Nos meses seguintes, sempre negativos.
- 7 — U. M. — 18.881 — Matrícula: 6-46. 1.a rev. 9-47: Branqueado. Muco /— / lesão /—/ 2.a rev. 3-49: Piorado, muco + lesão eritema no rosto. Tratamento irregular. Posteriormente negativo. Transferido para o D.R. de Santo André, em setembro 54.
- 8 — V. C. — 37.632 — Fichado em 28-4-53 Muco + — lesão ++. Eritema difuso na fronte, tronco, cotovelos e joelhos. — Em 12-8-53: isolamento domiciliário. Não apresenta lesão cutânea. Nas revisões mensais subseqüentes, sempre teve bacterioscopia negativa. Mas teve reativação clínica: máculas pitiriasiformes na axila D., em set. 53. Erupção generalizada de elementos róseos, numulares ou menores; orelhas vultuosas, em jan. 54. Em fevereiro novos elementos surgiram. Junto à axila D., mácula lesão maior de 2 cm. de bordos internos nítidos e externos difusos, de coloração fulva. De maio em diante regressão das lesões; branqueado em julho de 1954 — Biopsia (2): infiltração inflamatória crônica. B.A.R. /—/. Tratamento regular com A.M. e Promin (80 cc e 437,5 cc.). — T.A. em outubro 54 — Transferido para o D.R. de Santo André em fevereiro de 1955.
- 9 — C. R. F. — 24.165 — Tratamento regular. Após 8 revisões — B — (fev. 51 a set. 53), tendo tomado 2.219 cc. de Promin (por conta própria) apresentou um tubérculo lenticular na nádega D. Muco + lesão +++. Encaminhado à reinternação, obteve da sub-diretoria do D.P.L., autorização para transferir-se para o Dispensário do Bom Retiro. 27-10-53. Memorandum 5949-A.
- 10 — J. L. — 23.267 — Matriculado em agosto 49: lesão cutânea: raros bacilos; muco /—/; rosto eritematoso; resíduos de infiltração lepromatosa. *Tratamento regular.* Permaneceu com uma cruz de pele, até fevereiro de 53. Tomou 500 cc. de Promin. 136 cc. de A.M. e 950 drágeas de sulfonas.
- 11 — A. Z. — 7.351 — T.A. em 21-12-45 — Matriculado em outubro 47, na I.R. de Casa Branca. 1.a rev. agosto 48: muco /—/ lesão +++. (Eritema difuso nas nádegas) 2.a rev. maio 1949: lesão ++. Posteriormente negativa. Tratamento muito irregular e insuficiente nesse período. DR. O. CAMBIAGHI

DADOS REFERENTES AS REATIVAÇÕES CLÍNICAS E BACILOSCÓPICAS DA INSPETORIA REGIONAL DE BOTUCATÚ) DE 1950 a 1954.

Foram observados 259 doentes sendo 103 da forma L, da forma T, 109 do grupo I e 4 TR, obedecendo o critério do estado clínico de P — I — M — MM — B como demonstra o quadro abaixo:

L	12	I	12	T	3	1 S	contr.	Cl.	TR	—	TOTAL	—	27
L	25	I	26	T	5				TR	2	"	—	58
L	40	I	36	T	18	1	Idem	Idem	TR	1	"	—	95
L	19	I	25	T	15				TR	1	"	—	60
L	7	I	10	T	2				TR	—	"	—	19
<hr/>													
	103		109		43					4			259

Dos totais acima mencionados de cada forma e grupo temos 99 doentes com reativações clínicas e clínicas baciloscópias segundo a distribuição no quadro abaixo:

P	L	c + b	6	c	15	I	c + b	3	cl	4	T	c + b	—	cl	2	TR	c + b	1	cl	Obs.	Tr
I	L		5		6	I		3		5	T		—		2						
M	L		7		6	I		8		4	T		—	TR	3					+ 1	
MM	L		4		3	I		3		3	T		—	TR	3					+ 2	
B	L		1		1	I		—		6	T		—		2						
<hr/>																					
99			23	—	21			—	17	22			—		12						4

Dêstes, 10 foram hospitalizados devido baciloscopia positiva de M e L, ficando o restante em tratamento avulso na Inspeção por apresentar báculos fracamente na lesão ou só no muco.

CONCLUINDO: A maioria teve a sua moléstia reativada devido ao abandono do tratamento, outros impossibilitados de medicarem-se devido ao seu estado geral e em uma pequena parte o organismo não reagiu à medicação.
DR. F. ZACHARIAS

Com agradecimentos aos Engs. Agrônomos, A. Conagin e J. C. Medina, do Inst. Agrônomo de Campinas, pelas verificações estatísticas; à srta. Noemia Barbosa Ribeiro e sr. Jurandir França, da secção das I.R. do D.P.L., pelas cópias datilográficas; sra. Iraci Gonzaga Ribeiro, do arquivo do D.P.L. pelas relações numéricas do movimento das I.R. ; sr. Otávio Rodrigues de Oliveira, pela reprodução de alguns gráficos; Prof. Albano Rodrigues e Dr. A. Rotberg, pelo texto em inglês.